

REFLEXÕES SOBRE A CRISE PRESENTE NA IMAGEM: A PESTE NEGRA E O MUNDO VIRTUAL

REFLECTIONS ON THE CRISIS PRESENT IN THE IMAGE: THE BLACK PLAGUE AND THE VIRTUAL WORLD

Luciane Ruschel Nascimento Garcez - UDESC

RESUMO

Este estudo vem refletir sobre o uso da arte em momentos de crise. A arte como forma de expressar e comunicar quando o isolamento se faz obrigatório, pautando a imagem como catarse, arquivo e memória. Apresenta um breve resumo da peste nos séculos XIV e XV e como as imagens refletiram o medo e a insegurança do período. Da mesma forma, apresenta imagens do museu virtual CAM – Covid Art Museum – criado com o intuito de divulgar imagens que reflitam a pandemia do Covid19.

PALAVRAS-CHAVE

Peste negra; Pandemia; Covid Art Museum.

ABSTRACT

This study reflects on the use of art in times of crisis. Art as a way of expressing and communicating when isolation becomes mandatory, guiding the image as catharsis, archive, and memory. It presents a summary of the plague in the 14th and 15th centuries and how the images reflected the fear and insecurity of the period. Likewise, it presents images from the CAM virtual museum – Covid Art Museum – created with the aim of disseminating images that reflect the Covid19 pandemic.

KEYWORDS

Black Death; Pandemic; Covid Art Museum.

Em 1347, um veleiro atracado em um porto do Mediterrâneo liberou sem saber um dos patógenos mais mortais da história. A bordo, além de sua carga e passageiros, havia ratos infestados de pulgas portadoras da peste bubônica. A Peste Negra chegava às costas europeias. Em 1350, ano em que recuou, havia derrubado quase metade da população da região. Entre 1362 e 1381, atacou novamente - como faria periodicamente no século XVIII. O cronista de Siena, contemporâneo à peste, Agnolo di Tura del Grasso, descreveu seu terror, dizendo que a vítima primeiro experimentava sintomas semelhantes aos de uma gripe forte e, em seguida, veria um inchaço sob

suas axilas e virilhas, as conhecidas ínguas. Por vezes a pessoa não durava mais que dois dias depois de infectada. O próprio Agnolo perdeu seus cinco filhos e sua esposa (BARRY; GUALDE, 2007).

A crescente estabilidade na Europa no final da Idade Média tornou possível o comércio extensivo entre Oriente e Ocidente, e dentro da própria Europa. Cidades italianas como Veneza e Gênova tinham portos comerciais no leste do Mediterrâneo e no mar Negro - comércio que tornava essas cidades entre as mais ricas da Europa. A maioria dos historiadores de hoje em geral concorda que a praga provavelmente se espalhou pela Eurásia por meio dessas rotas comerciais por parasitas carregados nas costas de roedores. Ratos carregando pulgas infectadas embarcaram em navios com destino a Constantinopla, capital do Império Bizantino, quando os habitantes de lá ficaram doentes com a peste no início de julho de 1346. A partir dessas terras de língua grega, a praga se espalhou para o norte da África e o Oriente Médio com terríveis consequências. No outono de 1347, alcançou o porto francês de Marselha e progrediu tanto para o norte como para o oeste, seguindo para a Itália, e depois o resto da Europa, ao longo das rotas comerciais ativas que os mercadores italianos e flamengos do norte desenvolveram.

Os Cruzados Ocidentais que buscavam atacar a Terra Santa estimularam inovações na construção naval, e esses navios - maiores, mais rápidos e mais eficientes - transportavam grandes quantidades de mercadorias por meio de extensas redes de comércio, mas também carregavam os ratos infectados. O fluxo incessante do tráfego marítimo, fluvial e rodoviário entre os centros comerciais permitiu que a praga se propagasse por enormes distâncias. Grandes cidades comerciais foram infectadas primeiro e, de lá, a praga se espalhou para cidades e vilas vizinhas, e para o campo. A rápida disseminação também foi ajudada pelos movimentos de peregrinos medievais, tornando os lugares sagrados os novos epicentros da epidemia.

A peste acabou matando aproximadamente metade da população da Europa, independentemente da riqueza, posição social ou crença religiosa das pessoas afetadas, de príncipes a camponeses, marcando a consciência de todo o continente. Os sobreviventes eram como pessoas perturbadas e quase sem sentimento, escreve Agnolo, um desespero que ecoou por toda a Europa e foi refletido em imagens criadas a partir de então. Com tantos mortos, os padrões que mantiveram a sociedade

medieval estável foram substituídos por hostilidade, confusão, ganância, remorso, abuso - e, às vezes, compaixão genuína. Textos da época falam de erupções de violência, descrevendo ataques ritualizados contra judeus que se tornaram bodes expiatórios. Mas, em contrapartida, alguns cristãos se tornaram mais piedosos, acreditando poderia torná-los abençoados por um Deus que eles acreditavam ter enviado a praga para puni-los por seus pecados. Vemos então dois movimentos: os que acreditavam que a peste estava ali como punição, e buscavam a redenção; e os que se renderam aos prazeres e pecados, numa atitude de rendição frente ao que parecia ser o fim do mundo. Segundo Agnolo (BARRY; GUALDE, 2007), monges, freiras, leigos, todos se entregaram aos prazeres sem questionar vícios e virtudes. Os que sobreviviam tentavam reconquistar o mundo e celebrar a vida de toda forma possível, como que escondendo o medo da morte que estava presente em cada segundo. Outros buscaram mais a Deus, numa atitude de intimidade, crença e fé no Senhor, buscando o caminho da salvação, ou uma forma de compreender aquele mundo novo que acontecia. A Igreja tornou-se mais rica à medida que muitos dos atingidos, em um esforço para assegurar um lugar no céu, legaram suas propriedades a ela. Mas, por outro lado, alguns apontavam seus excessos como causa da punição, esta vinha dos céus. As pessoas lutaram para entender o que estava acontecendo e arte estava refletindo este caos.

A economia não ficou imune. O comércio foi interrompido, a fabricação suspensa, tanto os que fabricavam, quanto os que vendiam ou compravam, todos pereceram frente à epidemia da peste, morriam aos milhares. Até a agricultura sofreu, posto que os homens que trabalhavam a terra não foram poupados. Veio a fome e a miséria. Os salários dos trabalhadores dispararam quando a terra arável ficou em repouso; os proprietários, desesperados para que as pessoas trabalhassem em suas terras, foram forçados a renegociar os salários dos agricultores. A morte generalizada corroe as estritas divisões hereditárias de classe que, durante séculos, amarraram os camponeses a terras pertencentes aos senhores locais. As classes foram sacudidas. Para muitos historiadores, a Peste Negra abriu caminho para uma nova onda de oportunidades, novas formas de criatividade e riqueza surgiram.

Muitas explicações para epidemias de peste foram oferecidas, a maioria delas usando um véu religioso ou supersticioso. Alguns relatos atribuíram a praga à conjunção de

certos planetas, eclipses ou ao avistamento de um cometa; até erupções vulcânicas foram citadas. Mas a explicação mais usual era a ira divina caindo sobre os homens.

Alguns historiadores apontam a peste como uma das causas das mudanças radicais que aconteceram na sociedade europeia do período, contribuindo para o movimento renascentista, tendo, inclusive, a família Médici como exemplo (HARTT; WILKINS, 2003). A Peste Negra desestruturou radicalmente a sociedade, mas será que a convulsão social, política e religiosa criada pela peste contribuiu para o Renascimento? Essa mobilidade teria sido possível sem a turbulência social e econômica causada pela Peste? Estas são questões que merecem ainda ser estudadas e debatidas.

Mas é fato que a arte representou estas questões. Vários foram os artistas que mostraram os receios da sociedade em suas pinturas, dando aos textos e imagens um tom até apocalíptico.

Abaixo vemos um afresco do século XIV na antiga Abadia de Saint-André-de-Lavaudieu, França (Figura 1). A imagem mostra a Peste Negra personificada como uma mulher, ela carrega as flechas que atingem as pessoas ao seu redor, muitas vezes no pescoço e axilas, os lugares onde os bubões comumente apareciam.



Figura 1. Afresco na antiga Abadia de Saint-André-de-Lavaudieu, França, século XIV
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fresco_in_the_former_Abbey_of_Saint-Andr%C3%A9-de-Lavaudieu,_France.jpg

Como vemos, a morte esteve particularmente presente nos séculos XIV e XV na Europa Ocidental. As pragas e as guerras (a Guerra dos Cem Anos) dizimaram a população europeia, que acreditamos ter sido reduzida à metade entre 1350 e 1450. A Igreja fez da preparação para a morte um tema muito importante para reflexão, e usou a imagem como uma aliada. A arte deste período carrega esta marca.

Uma temática que vai abordar este aspecto é a Dança da Morte (Figura 2). Ilustrada pela primeira vez no cemitério dos Santos-Inocentes em Paris no início do século XV, pretende mostrar a igualdade de todos perante a morte e a sua inexorabilidade. É ilustrado por personagens esqueléticos que levam à morte de vivos, poderosos deste mundo ou plebeus, religiosos ou seculares.



Figura 2. Dança macabra em afresco na Abadia de la Chaise-Dieu – Afresco – c. 1460, França.
Fonte: <https://www.abbaye-chaise-dieu.com/visites/la-danse-macabre-du-xve-s/>

Neste afresco na abadia La Chaise-Dieu, na França, os mortos não são esqueletos, estão mais para a ordem dos zumbis, estão no espaço do transitório, com pele nos ossos. Os vivos estão divididos em 3 painéis, pois que os afrescos ocupam 3 paredes: os poderosos, os burgueses e o povo, provando que a morte é democrática, atinge a todos. Na figura acima, vemos o Papa, o Imperador, um cardeal, um rei, o legado papal, um condestável, um abade e um cavaleiro, e entre cada personagem, uma figura de um zumbi. O artista os coloca como que sombras de cada pessoa, independentemente de sua posição ou importância social, todos estão ameaçados pela morte, e ela vem na forma da peste.



Figura 3. Dança macabra em afresco na Abadia de la Chaise-Dieu – Afresco – c. 1460, França.
(Detalhe)

Fonte: <https://www.abbaye-chaise-dieu.com/visites/la-danse-macabre-du-xve-s/>

As figuras pintadas neste afresco seguem uma ordem bastante convencional, revelando as hierarquias sociais da época, com alternância de religiosos e leigos e a virtual ausência de mulheres. E percebam como nos parece que alguns esqueletos tiram os personagens para dançar, convidando-os a participar efetivamente da dança macabra (Figura 3).

Como é observado no texto de apresentação da abadia, o trabalho é difícil de datar com precisão¹.

É possível que os painéis tenham sido feitos por volta de 1450, o que tornaria este afresco a mais antiga *Danse Macabre* encontrada na Europa.



Figura 4. Benedetto Bonfigli, *Madonna della Misericordia (gonfalone)*, 1472

Fonte:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Benedetto_bonfigli,_madonna_della_misericordia_\(gonfalone\),_1472_\(corciano,_s.m._assunta\)_01.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Benedetto_bonfigli,_madonna_della_misericordia_(gonfalone),_1472_(corciano,_s.m._assunta)_01.jpg)

Nesse gonfalone de 1472, vemos a Virgem como a protetora da humanidade nestes tempos de calamidades (Figura 4). Além do uso da hierarquia das imagens, com a Virgem Maria absoluta no centro da composição, e a figura do Papa, à esquerda, se sobressaindo às demais, ainda vemos que este apoia a mão na cabeça de outro membro do clero, o qual aponta para a passagem ao ventre da salvadora, ali seria a proteção máxima. E observem também as flechas no manto de Maria, que protege os seus filhos da ira divina, que aqui aparece de forma sutil, só uma indicação, diferente da imagem anterior com esqueletos e zumbis dançando a morte, zombando de nós.

E vejamos a sugestão na imagem de Deus Pai segurando as flechas destinadas a acertarem a humanidade, Ele segura com a mão esquerda um feixe delas, e com a mão direita parece preparar o ataque. Esta imagem estaria mostrando que a ira divina foi decisiva no evento da peste, tendo esta sido enviada como forma de punição aos homens pecadores. Mas ainda assim, a humanidade poderia contar com a intervenção desta que fica a meio termo, entre nós e Deus, a Virgem Maria intercessora, a Mãe misericordiosa que não só intercede pelos filhos, mas ainda os protege sob seu manto.

Este tipo de imagem se tornou comum nesta época, e os gonfalones seriam inclusive usados como proteção à comunidade. As pessoas carregariam estes estandartes a fim de purificar a cidade, proteger seus habitantes, rogar pela misericórdia divina, como prometido pela Virgem salvadora. Imaginemos o impacto que estas imagens teriam na época. As pessoas sofrendo as perdas da peste, pais perdendo filhos, assim como Maria havia perdido o Seu Filho. Se ela, que foi humana e sofreu nossas dores, superou a dor da perda, e ainda era aquela que intervém por nós, então aqueles sofredores também poderiam encontrar alento. Estas imagens seriam poderosas em encontrar a dor das pessoas e oferecer algum tipo de conforto. Mas ainda assim eram imagens de sofrimento, que mostravam o que as cidades estavam vivendo na época.

Percebemos o uso destas imagens macabras, evocando a certeza da finitude de cada um em várias igrejas, abadias, gonfalones, e mesmo ilustrando textos do período. A temática foi usada tanto para inspirar devoção aos crentes que frequentavam os cultos, quanto para demonstrar a angústia e insegurança vivida na época. São hoje documentos de uma história, nos contam do impacto da epidemia da peste na sociedade, no pensamento coletivo, e de que forma os artistas representaram estas incertezas e receios, como deram vazão a essas calamidades. E como tentaram também exortar o sofrimento, buscar alento a partir da imagem que conforta, que aponta um caminho e roga por misericórdia. Nos afrescos temos a imagem que revela a realidade dolorosa, as flechas que matam, os esqueletos que buscam os vivos, todas as classes, ninguém escapa. No gonfalone a imagem que oferece um caminho de conforto, de apaziguamento da dor.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID19 como uma pandemia (SCHMIDT et al., 2020). Cada momento lidou com a

dor e a crise da sua maneira, mas percebemos que a arte refletiu estas histórias e nos ajuda a compreender estes contextos.

Mas como a pandemia do Covid 19 pode ser percebida em imagens? Não temos a peneira do tempo nem o distanciamento da história, posto que ainda estamos vivendo em plena pandemia já há 16 meses. Mas a arte não espera.

As mídias veiculam imagens aos milhares, diariamente, artistas anônimos que expressam suas percepções do momento em obras das mais variadas. O Instagram passou a divulgar mesmo um museu formado *a partir e para* refletirmos nestas imagens inauditas. O Covid Art Museum² - CAM -, o primeiro museu criado para divulgar a arte da pandemia, um museu virtual, postado pelo Instagram. A ideia nasceu já nos primeiros dias de quarentena, lá na Espanha, quando alguns artistas perceberam que seus amigos estavam usando arte como uma forma de fuga e de extravasamento durante o confinamento de início de epidemia. Em seguida se deram conta de que esta não era uma prática isolada, mas que as imagens estavam surgindo no mundo todo, pessoas que nem eram artistas estavam se expressando desta maneira, numa tentativa de manter a sanidade diante da loucura do mundo.

Segundo os criadores, Emma Calvo, Irene Llorca e José Guerrero, espanhóis de Barcelona, surgiu a seguinte pergunta: “O que vai acontecer com toda as obras que as pessoas estão criando em suas casas?”³ Daí surge a ideia de um museu virtual que desse conta desta inundação de arte de quarentena, ou CovidArt. Em 19 de março de 2020 fizeram a primeira postagem, e não pararam mais. Hoje contam com quase 2 milhões de obras postadas, envolvendo mais de uma centena de países e mais de 120 mil seguidores.

De acordo com os gestores do museu, “O principal filtro na hora de escolher as obras é que elas tenham relação com o momento atual: a crise da Covid19. Acolhemos todos os tipos de arte, incluindo ilustrações, fotografias, pinturas, desenhos, animações, vídeos etc.”⁴

Uma das falas dos criadores do museu atesta que no futuro, teremos dados sobre as pessoas afetadas pela Covid19 e dados econômicos sobre o que aconteceu no mundo, mas que também é muito interessante termos acesso a este museu para saber como as pessoas se expressaram, como elas viveram e sentiram a crise, o

isolamento, o medo. O museu vem então como um arquivo, onde teremos uma percepção mais diversificada de como as pessoas reagiram a estes tempos sombrios, nos diversos países, nas mais diversas culturas.

Por outro lado, existe o receio e a forte possibilidade de que após esta crise de saúde venha outra, a crise econômica, que também ameaça a todos. Nesta ordem de pensamento, o grupo acredita que além de dar visibilidade às imagens da crise, aos poucos vai servir como vitrine para estes profissionais desamparados.

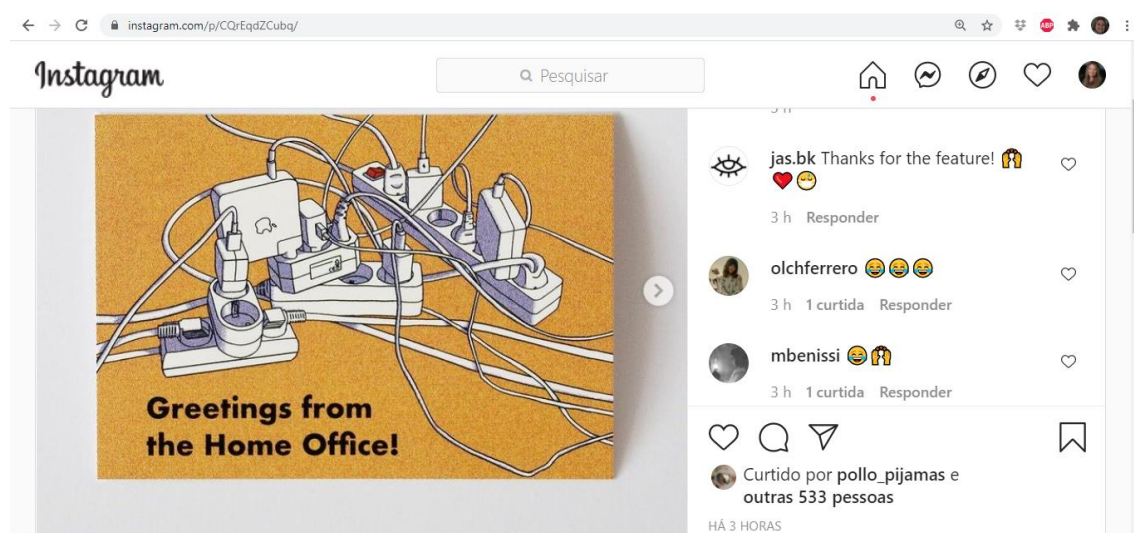


Figura 5. covidartmuseum by [@jas.bk](https://www.instagram.com/jas.bk) – *Greetings from the Home Office!*
Fonte da imagem: <https://www.instagram.com/p/CQrEqdZCubq/>

Algumas imagens usam de humor, como esta que representa o terror dos *home offices* (Figura 5), lugar comum em tempos pandêmicos, fenômeno contemporâneo: dezenas de aparelhos ligados e conectados, com extensões que se multiplicam em adaptadores. Quem não se viu neste pesadelo? Imagens humorísticas aparecem como forma de estabelecer uma conexão, simulacro desta no isolamento, sem mergulhar no pesadelo de fato. Buscando um modo de enfrentar os obstáculos que surgem a partir da pandemia, alguns artistas usam da imagem como espaço de leveza, a arte como escape.



Figura 6. covidartmuseum by @briangophoto
Fonte da imagem: <https://www.instagram.com/p/CQISf9rDans/>

Outras imagens vêm problematizar um aspecto muito grave, o isolamento na infância. Período de crescimento que é reconhecidamente sociável. Sabemos que as crianças, sem falar nos adolescentes, estão sofrendo crises de ansiedade, síndrome de pânico, derivados da falta de sociabilidade, fundamental nesta faixa etária. Crianças que não entendem exatamente o porquê do isolamento, mas que desenvolveram um medo irracional do contato, do encontro, crianças que quando estavam nos seus 2 anos de idade, momento em que têm pouca compreensão do contexto, se viram num isolamento imposto, agora aos 4 anos, se vêm tentando lidar com o novo modelo de vida: sem as partilhas, dividir e compartilhar não está sendo possível. As festas de aniversário que marcam a passagem das fases infantis vêm sendo esquecidas, em algumas famílias são celebradas em reuniões virtuais, onde cada membro está “presente” em alguma janela na tela do computador. Na figura 6, vemos o artista refletindo sobre este aspecto. A fotografia mostra uma figura feminina que se encontra sobre uma toalha de piquenique num parque, remetendo aos eventos ao ar livre, mas ela se encontra só, com seus bichos de pelúcia, que portam os chapéus de aniversário. A moça da foto tem uma expressão entre assustada e questionadora. O que num primeiro olhar pode parecer uma imagem cômica, ou ingênua, esconde um

sintoma sério, o isolamento infantil que vem levando cada vez mais crianças a terapeutas profissionais a fim de ajudar a superar a crise. Estes..., também online.

Esta imagem nos remete ao “Almoço sobre a relva” de Manet (Figura 7), dadas as devidas diferenças poéticas e conceituais. Mas percebemos que as liberdades poéticas presentes no contemporâneo, permitem a artistas, anônimos ou não, buscarem na história da arte “húmus” para suas próprias produções. Nas duas imagens, é a figura feminina que nos encara. Mas na fotografia postada no CAM (Covid Art Museum), a moça se encontra só, posto que estamos em tempos de pandemia, entretanto, ainda busca companhia para partilhar sua celebração. Manet, traz pessoas conhecidas da sociedade e choca o público ao colocar a moça nua. Eles estão partilhando a refeição. Na fotografia exposta no CAM, a moça se encontra só em companhia de seus bichos de pelúcia. Remete à famosa tela de Manet pelo caráter da partilha do piquenique, pela composição da imagem. Pela figura feminina que questiona o espectador qual sua participação nisso tudo. Mas aqui perdura o isolamento, neste caso, uma referência direta ao apelo: isolamento “social”. Ao lado da imagem, a frase: "Ansiosa para passar um tempo com amigos humanos novamente ... um dia". Pensamos esta declaração em oposição à Manet, que figura exatamente isto, um dia com amigos. Mostra não só a necessidade da sociabilidade, mas também um certo fatalismo no final da declaração: ...um dia. E fica a pergunta: quando?



Figura 7. À esquerda, *Almoço sobre a Relva*, 1863, óleo sobre tela, 215 x 271 cm, Édouard Manet, Museu d'Orsay, Paris. À direita, covidartmuseum by @briangphoto

Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/almoco-na-relva-edouard-manet/>

A figura 8 parece complementar a anterior em termos conceituais de problemáticas pandêmicas. Aqui a criança está deitada no escuro, olhando, com um meio sorriso melancólico uma tela de celular, onde vemos a imagem de uma moça, talvez um familiar distante por causa da pandemia, como tantas pessoas, que só conviveram por telas e plataformas digitais. Fala também do isolamento, aqui mostrando o isolamento mesmo entre familiares.

O caráter dramático da imagem vem pelo recorte da cena, a criança deitada no escuro, a luz numa diagonal barroca, sugere a instabilidade, tempos sombrios. Esta imagem remete ao movimento barroco em termos formais, a ênfase no claro e escuro dá um tom diferenciado, dramatizando ainda mais a situação solene do isolamento social e familiar. A luz repousa sobre as faces, da criança e da moça que sorri. Existe, ao que parece, uma tentativa de interação entre as duas figuras, interação virtual, onde o escuro dá o tom da situação, tempos sombrios, mas a luz aparece no vínculo, ou ao menos na tentativa dele.



Figura 8. covidartmuseum by @marzio_toniolo
Fonte da imagem: <https://www.instagram.com/p/CQZCT7dideb/>

A figura 9, de Laura Pannack, nos remete à distância entre casais, especialmente onde um ou outro trabalha na saúde e foram obrigados a se afastar de casa para evitar o contágio. Muitos foram os que se viram nesta situação.



Figura 9. covidartmuseum by @laurapannack

Fonte da imagem: https://www.instagram.com/p/B-FqunwJa_k/?utm_source=ig_web_copy_link

Em termos formais, nos lembra a icônica imagem de Michelangelo, “A criação do mundo” (figura 10), onde as mãos representam o *quase* encontro dos dois, Criador e criatura, Deus Pai e Adão. Na fotografia exposta no CAM, percebemos serem as mãos de um casal, a mão masculina, que parece estar por trás de uma superfície transparente, e a feminina que tenta alcançá-la, vemos ser um casal pela ênfase nas alianças de casamento. Podemos ainda referenciar a criação de um outro mundo, um mundo pós pandemia, uma (re)existência.

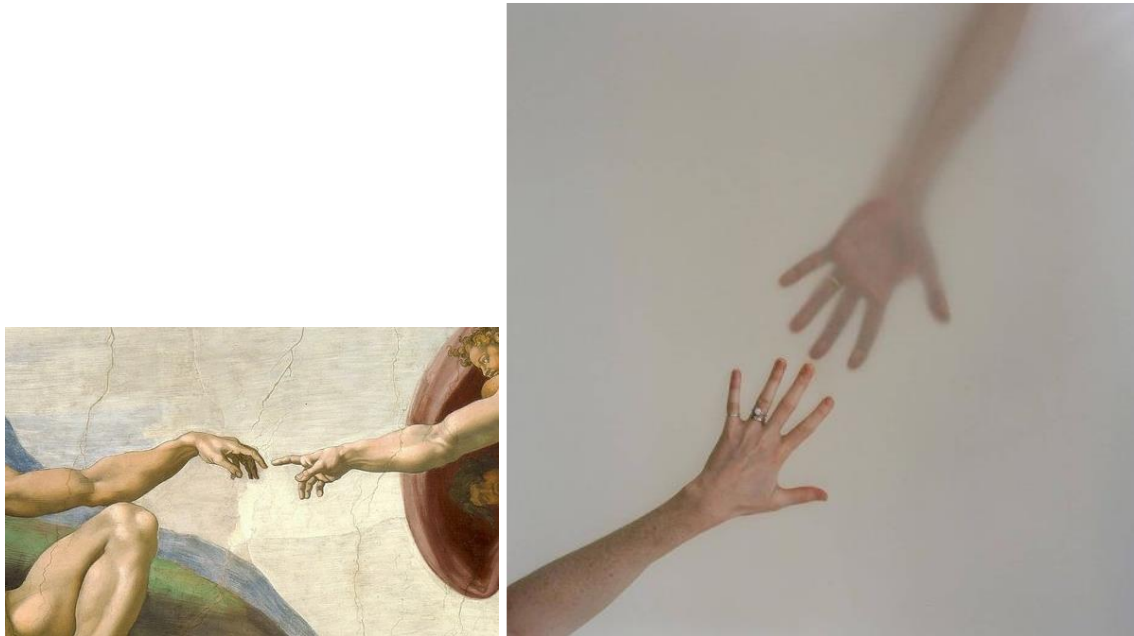


Figura 10. À esquerda, Michelangelo, Capela Sistina, A Criação do mundo (detalhe). À direita, fotografia by @laurapannack
Fonte: <https://www.worldhistory.org/article/1607/michelangelos-sistine-chapel-ceiling/>

Somo seres sociáveis, nossas vidas estão articuladas a tantas outras. Neste momento pandêmico, percebemos como a arte serviu como válvula de escape, em tantas iniciativas que se desenrolaram e frutificaram: cursos de arte, teóricos e práticos, museus virtuais, lives, webinários.

O CAM vem ainda com a ideia de se tornar um arquivo, um arquivo de memórias pandêmicas. Como as pessoas se expressaram, se manifestaram neste momento tão atípico em nossas vidas. Como as imagens deixaram relatos visuais das vidas isoladas ao redor do globo, independente da cultura, gênero ou condição social de cada artista, independente mesmo de ser artista ou simplesmente alguém que viu na arte um modo de comunicar, quando todo o resto se encontra em estado de suspensão.

Ao acionar o disparador, quem fotografa sublinha a tentativa de aproximação entre si e o outro, vive o agora e carrega essa experiência da vontade de ultrapassá-la. Em um determinado instante, a aparência do fotografado e sua desapareção imbricam-se na percepção. A imagem obtida será um testemunho desse contato, mas, inevitavelmente, trará consigo a perda da origem, o afastamento do instante. (TEDESCO, 2020, p. 77)

Nos diz Elaine Tedesco sobre a fotografia como tentativa de aproximação e como dispositivo de memória. É este sintoma que percebemos nas fotografias expostas neste museu virtual criado num momento de crise e insegurança. E segue na reflexão dizendo que:

Para alguns, fotografar, especialmente o trabalho com seus arquivos de negativos, não expressa apenas a intenção de preservar uma memória, a imagem de um instante, guardando momentos importantes, fotografar põe em movimento, também, o trauma do que não pode voltar a ser vivido. (TEDESCO, 2020, p. 80)

Este trauma do não vivido, do não compartilhado, dos ritos de passagens não experienciados vem assombrando famílias, nos sentimos impotentes diante de uma ameaça invisível, velada, mas que chegou perto. A ameaça se tornou mais concreta ao passar de 2020 para 21. Apesar de as pesquisas estarem nos assegurando progressos, o medo bateu à nossa porta. E a arte tem sido o refúgio para muitos.

Notas

¹ <https://www.abbaye-chaise-dieu.com/visites/la-danse-macabre-du-xve-s/>

² <https://www.covidartmuseum.com/>

³ Ibid.

⁴ Idem.

Referências

BARRY, Stéphane; GUALDE, Nobert. La Peste noire dans l'Occident chrétien et musulman 1346/1347 – 1352/1353. In: CASTEX, Dominique; CARTRON, Isabelle. **Épidémies et crises de mortalité du passé**. Pessac: Ausonius Éditions; Collection: Études | 15, 2007. p. 193-227

HARTT, Frederick; WILKINS, David G. **History of Italian Art: Painting, Sculpture, Architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MAVRAKIS, Annie. Le Temps dédoublé. In: **Anthologie de textes et d'images/iconologie**. 17 dez. 2010. Disponível em: <http://www.anniemavrakis.fr/2010/12/17/le-temps-dedouble-suite-une-image-du-xve-siecle/>

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L., & DEMENECH, L. M. **Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)**. SciELO Preprints, 1(1), 1–26, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/SCIELOPREPRINTS.58>

TEDESCO, Elaine. Imprimindo distâncias. In: CIRILLO, José; BELO, Marcela; GRANDO, Ângela [organizadores]. **Anais do X Seminário Ibero-Americano sobre o Processo de Criação nas Artes**. EDUFES Vitória, 2020.

<https://www.abbaye-chaise-dieu.com/visites/la-danse-macabre-du-xve-s/>

<https://www.covidartmuseum.com/>